

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.032](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.032)

# CONSTRUINDO CAMINHOS ENTRE TRILHAS: AS SINUOSIDADES DO PESQUISAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

**MARIA JOSÉ DOS SANTOS**

Professora Adjunta Universidade Federal do Maranhão – UFMA. [mj.santos@ufma.br](mailto:mj.santos@ufma.br)

**RACHEL SOUSA TAVARES**

Professora Adjunta Universidade Federal do Maranhão – UFMA. [rs.tavares@ufma.br](mailto:rs.tavares@ufma.br)

## RESUMO

A pesquisa, um dos eixos do tripé de sustentação da universidade, no período compreendido entre início de 2020 e meados de 2022, em virtude dos fatos/práticas/ações e medidas oriundos da pandemia do COVID-19 no âmbito das Universidades Federais e rede de ensino básica municipal e estadual, teve suas ações/atividades completamente alteradas, exigindo reformulações de planos de trabalho e reordenação de cronograma no intuito de não paralisação total das atividades de pesquisa. Os debates/reflexões e aprendizados produzidos/provocados no esforço coletivo imbricados no cenário que se descortinava é que pauta o presente artigo, cujo objetivo se concentra em apresentar alguns dos desafios e possibilidades presentes no cotidiano de coordenadores/bolsistas e rede de colaboradores (escolas municipais de Ensino fundamental) quanto aos desdobramentos de Projetos de pesquisa, ligados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação científica (PIBIC) frente ao cenário pandêmico de interdições. Para tanto, pontuaremos junto a necessidade de continuidade da pesquisa mesmo diante das condições objetivas impostas, processos de reestruturação das ações em curso e suas implicações consideradas o plano inicial; adaptações/mudanças de sentidos e significados entre presencial e virtual, com a inserção de ferramentas tecnológicas não usuais no exercício da pesquisa e, alguns resultados decorrentes do exercício posto em prática. Entendemos o exercício de reflexão sobre a prática, como uma ação fulcral no ofício do pesquisador, sendo que a dinâmica imposta na/pela pandemia, constituiu modos de fazer próprios sem o devido ou o prévio planejamento, era a urgência de

um fazer imprimindo suas nuances e desestabilizando posturas, “certezas”, em que caminhar em trilhas sinuosas e ou construir outras trilhas se tornou imperativo. Assim, os “achados” ou construções dessa escrita não podem, nem pretendem ser tomados como respostas ou verdades prontas, mas como contributos para se pensar o período vivido e alguns dos seus desdobramentos no âmbito da pesquisa acadêmica.

**Palavras-chave:** Programa Institucional de Bolsas de Iniciação científica (PIBIC). Pesquisa. Universidade Federal. Pandemia.

## INTRODUÇÃO

Um mundo em crise. Uma situação inesperada, assoladora, com poder de devastação sem medidas. Um vírus e sua ação mortal, destruidora. O período compreendido entre 2020 e 2021, marcou um tempo distinto na vida da humanidade, ao sermos confrontados com a ameaça à vida instaurada pelo Coronavírus SARS-CoV-2, doença infecciosa, intitulada como COVID-19. A atuação do vírus alterou o modo de viver em todos os países afetados pelo vírus. As medidas preventivas, instituíram expedientes de interdição ao contato físico, a presencialidade, levando milhões de pessoas no mundo a se isolarem em suas casas, restringindo ao máximo o contato com o outro. Sendo também recomendadas medidas de higiene, atendendo a protocolos da Organização Mundial de Saúde (OMS). Não nos detemos nos efeitos ou consequências da ação viral no mundo, nosso objetivo é pontuar alguns dos desafios e possibilidades presentes no cotidiano de coordenadores/bolsistas e rede de colaboradores (escolas municipais de Ensino fundamental) quanto aos desdobramentos de Projetos de pesquisa, ligados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação científica (PIBIC) frente ao cenário pandêmico de interdições.

A pesquisa, é um dos eixos norteadores que formam o tripé de sustentação da Universidade. É da natureza da universidade desenvolver um projeto articulado entre ensino, pesquisa e extensão, visando, na coexistência desses três eixos a formação qualificada dos discentes que a ela tem acesso. É um espaço de formação profissional, e como tal se fundamenta em princípios éticos e legais, assegurada sua existência na legislação nacional. Desta forma, "A Universidade é uma instituição educacional diferente da educação básica, por apresentar a possibilidade do desenvolvimento da pesquisa e da extensão juntamente com o ensino." (Assis; Bonifácio, 2011, p.40).

Ao ingressar na Universidade uma das atividades que passará a fazer parte da vida acadêmica dos ingressantes é a da iniciação à pesquisa, ao universo do pesquisador. O que se dá por meio da participação nos projetos de pesquisa dos docentes amparados ou não por agências de fomento. A pesquisa faz parte do métiêr docente. O presente artigo se concentra em práticas desenvolvidas no âmbito da pesquisa a partir de ações de bolsistas/ bolsistas voluntários/voluntários/coordenadores de projeto de pesquisa do PIBIC, destacando, o período pandêmico, porque nesse período especificamente, houve mobilizações no sentido de ressignificação da própria pesquisa, assumindo-se outras formas de fazer para além da pesquisa

in loco. A interdição da presencialidade, o formato remoto para a realização das atividades, imprimiu outras formas de caminhar, outras rotas a serem traçadas para que o ato de pesquisar não se estagnasse no período.

Demo (2021) chama a atenção para o fato de que a pesquisa não pode continuar sendo encarada como “coisa” de especialistas, de gente especial, como atividade especial, ao contrário, deve ser internalizada como atitude cotidiana, “[...] uma maneira consciente e contributiva de andar na vida, todo dia, toda hora.” (p.16). O PIBIC é um programa voltado para a iniciação dos discentes da graduação no mundo da pesquisa. Ao assumirem bolsas ou se voluntariarem nesse programa, os discentes, começam a dar os primeiros passos na pesquisa, por meio da execução de um plano de trabalho que se encontra agregado a um projeto de pesquisa específico. É um tempo de exercitar o olhar, a curiosidade, de se experimentar nas nuances do ofício do pesquisador, passando a conhecer sobre métodos e técnicas, bem como sendo instigado a colocar em prática o aprendido.

No período da pandemia, tempo atípico, mesmo de forma distinta, as ações da pesquisa não foram paralisadas. Mas, sua exequibilidade passou a exigir a reestruturação das ações em curso; adaptações/mudanças de sentidos e significados se tornaram necessárias. Presencial, virtual e remoto, passaram a preencher nosso universo e, precisavam ser apropriadas tanto conceitualmente quanto na materialidade das ações, considerando a excepcionalidade do momento vivido. Nesse período, a inserção de ferramentas tecnológicas não usuais no exercício da pesquisa, passaram a ser fundamentais, indispensáveis, sem as quais, não seria possível trabalhar. A dinâmica imposta na/pela pandemia, constituiu modos de fazer próprios sem o devido ou o prévio planejamento, impondo urgências de um fazer, imprimindo suas nuances e desestabilizando posturas, “certezas”, em que caminhar em trilhas sinuosas e ou construir outras trilhas se tornou imperativo.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

---

Março de 2020 um semestre que praticamente não começou. As marcas desse tempo são histórica, ainda reverberarão por um longo tempo, consideradas suas dimensões, a amplitude e alcance. Foram duas ou tres semanas de aulas presenciais e, já tínhamos a sequência de decretos e normativas, na tentativa de preservar a vida, mas, acredita-se também, de buscas por respostas, de tentativas de entender o redemoinho que sacudiu o mundo, revirou a vida das pessoas,

modificou comportamentos e, literalmente, isolou milhões no espaço doméstico. Salas de aula em distintas instituições, estavam vazias, escritórios e outros espaços, todos fechados, silenciosos. Somente o estritamente essencial poderia permanecer funcionando, obdecendo os protocolos sanitários. Foi um longo período de cerca de dois anos.

A crise sanitária anunciada era de proporções mundiais. O mundo foi assolado por um vírus. Um vírus letal, altamente contagioso, sem controle. A ação do corona vírus-COVID 19, levou a óbito milhares de pessoas pelo mundo, principalmente em países desenvolvidos. Não houve distinção entre países ricos e pobres, financeiramente desenvolvidos ou emergentes e em desenvolvimento. As potências mundiais foram abaladas. Era preciso encontrar formas/estratégias que preservassem o máximo, a vida.

O dito já indica que o campo educacional não seria/foi poupado. As escolas, universidades, institutos, são espaços de encontros, neles as relações são face a face, e, os encontros geram aglomerações. Era preciso fechar/suspender as aulas e outras atividades práticas, adotando outro formato de aula, um ensino em que o contato se transportasse para telas de computadores, note books, celulares. Aulas remotas, esse foi o expediente adotado até que a situação estivesse sob controle e, se pudesse retomar as atividades presenciais. Santos e Mercado (2023) reiteram a necessidade de se viabilizar o ensino remoto, modalidade instituída peremptoriamente a partir do dia 18 de março de 2020 com o aprofundamento da crise sanitária no país, e a suspensão das aulas presenciais, por conta do isolamento social. Tal exigência sustenta o cumprimento do ano letivo, mesmo por meio de um modelo reconfigurado, em que, as tecnologias ocupam a centralidade. (Santos & Mercado, 2023).

A pesquisa se inseria nesse cenário. Desenvolver os projetos já submetidos e em curso, era o desafio imposto aos coordenadores e bolsistas/ bolsistas voluntários e voluntários. O que foi feito utilizando-se do potencial das tecnologias, suas ferramentas e linguagens. As tecnologias de informação e comunicação, as tecnologias digitais, objeto de estudo do (s) projeto (s) em desenvolvimento, já que a pesquisa se voltava para a investigação de usos de tecnologias em salas de aula da educação básica, tornaram-se a solução massiva para o momento e suas implicações.

Concordamos com Santos e Mercado (2023) quando afirmam que a pandemia acentuou o que já era problemático no campo educacional. A adversidade da

“chamada crise pedagógica global, ligada ao aspecto metodológico.” Dificuldades foram expostas quando da implantação do ensino remoto emergencial (ERE) ou, nas palavras de Santos e Mercado (2023) ensino online emergencial (EOE). As mudanças na prática pedagógica exigiam principalmente apropriação metodológica, não meramente saber utilizar esse ou aquele recurso tecnológico.

Assim, não era simplesmente a adoção de um/outro método de ensino, mas, a apropriação metodológica para uso das tecnologias demandava expedientes, que, embora históricos no campo educacional, ainda se veem como espaços de debate, sem uma ingerência mais firme em sua operacionalização. As fragilidades existentes são/foram desveladas ante o cenário e as respostas necessárias e, ao mesmo tempo, se acentuaram. Falta competência digital para o enfrentamento das distintas realidades, a formação de professores não prepara para o uso das tecnologias digitais em sala de aula. As desigualdades sociais são abismais e, no cenário de pandemia e ensino remoto, pôde-se constatar: ausência de equipamentos tecnológicos para acompanhar as aulas, falta de uma conexão com uma qualidade mínima que permitisse o básico, dentre outras situações semelhantes e mais graves.

Entretanto, não podemos deixar de refletir com Moreira e Schlemmer (2020) sobre as visões em torno do papel das tecnologias, quanto ao uso de computadores e da internet, como possíveis salvadores dos problemas educacionais.

As visões mais populares das TD tendem a exagerar tanto na promessa como no risco, porque na realidade os computadores e a internet não são remédios instantâneos para currículos mais ou menos obsoletos, nem tão pouco camuflagens para as tradicionais instruções didáticas. A ênfase não está na tecnologia, sendo que esta atua como um ambiente promotor de redes de aprendizagem e conhecimento. O foco precisa estar nas condições que afetam a apropriação tecnológica, importando consigo um significativo incremento do sentido e da qualidade na educação. (Moreira e Schlemmer, 2020, p. 6).

Reportar para as tecnologias digitais a responsabilidade sobre a melhoria na qualidade da educação, chega a ser uma visão ingênua, que exclui as dimensões do currículo, das práticas pedagógicas e instruções didáticas e em que essas estão ancoradas. Há um fosso muito mais profundo, que não pode ser analisado apenas pelo vies do uso ou não de tecnologias digitais nas escolas, nas salas de aula. No entanto, nossa discussão não se debruça sobre tal debate, mas, aborda o potencial

e a indispensabilidade das tecnologias no ensino remoto emergencial, salvaguardando as devidas proporções imbricadas no processo.

A Universidade tem como principal função privilegiar a transmissão do saber já consagrado, construir novos saberes e, ainda desenvolver nos discentes, o espírito investigativo, por meio da atividade da pesquisa. Desta forma, “[...] os cursos de graduação em nível superior devem contribuir na formação de seus alunos para o exercício da profissão em um determinado campo de atuação. Esta formação deve propiciar ao aluno, em sua prática profissional, uma visão crítica do meio em que está atuando.” (Assis & Bonifácio, 2011, p. 36).

No exercício de sua função, a Universidade, se organiza num tripé que lhe dá sustentação. Esse tripé articula o ensino, a pesquisa e a extensão. A pesquisa, enquanto um dos tripés que dão sustentação ao trabalho na universidade, se constitui em elemento fundamental para a formação dos graduandos na licenciatura. Assim, no período da pandemia, com a suspensão as atividades presenciais, a pesquisa também precisou se reestruturar e modificar seus expedientes para que a atividade não precisasse ser suspensa. Em Demo (2005) encontramos que a pesquisa precisa ser encarada como processo social. É tarefa intrinsecamente ligada as ações da Universidade. Não existe Universidade sem pesquisa. Pela pesquisa se produz “conhecimento do outro para si e de si para o outro.” Pesquisar é um ato do curioso, que tem vontade de conhecer, de mudar, de recomeçar, de transformar.

A pesquisa, assim como as outras dimensões do tripé universitário – ensino e extensão, colabora conjuntamente, para que a Universidade, enquanto formadora de profissionais, ofereça “[...] a possibilidade de o aluno adquirir o conhecimento para uma formação mais ampla, não apenas na sala de aula, por meio do ensino, como também participando de projetos extensionistas e de iniciação científica.” (Assis & Bonifácio, 2011, p. 41). Mesmo sendo esse vértice de tão singular importância no tripé acadêmico, não é simples fazer pesquisa na graduação. Os desafios são muitos e demandam comprometimento com o objeto a ser pesquisado/estudado. Estudos, dão conta das fragilidades dos cursos de formação de professores no atendimento do eixo pesquisa, sendo a escassez dessa prática nas licenciaturas um dos fatores descaracterizadores da função social-política da licenciatura. (Ana & Bonifácio, 2011).

A nossa busca, ao implementar o uso das tecnologias disponíveis e viabilizadas, para que a atividade de pesquisa não fosse paralisada, vai ao encontro da fala de Ana e Bonifácio. Entendemos que, por sua importância e singularidade, a

pesquisa não poderia ser interrompida, nas circunstâncias existentes. Seria por demais contraditório, se trabalhar um projeto, cujo objeto são as tecnologias, e, se declinar das atividades, quando essas só poderiam ser realizadas pela mediação tecnológica.

## **METODOLOGIA**

---

A proposta metodológica pensada para a execução do trabalho de pesquisa aqui empreendida, traçou um caminho a ser trilhado pelos meandros da pesquisa de abordagem qualitativa. O foco das interlocuções centrou-se no cotidiano e sua dinâmica, partindo do pressuposto que o cotidiano não está dado, mas é construído nas relações estabelecidas nos espaços escolares. Ao que Gonçalves (2010, p.34) chama a atenção para se observar, “os detalhes, os silêncios, as narrativas e a atenta observação em registro no Diário de Campo dia após dia”, uma vez que esses, “São as pistas, os indícios, os vestígios, o dito e o não-dito que fazem a diferença”. (GONÇALVES, 2010, p. 34).

O cotidiano escolar permeado pelas relações construídas na mediação das tecnologias é cada vez mais um lugar a ser interrogado, investigado. Nesse interim, Bauman (2010), nos ajuda a pensar tais relações, uma vez que, na visão do autor, as relações construídas na sociedade contemporânea mediada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), são dinâmicas, fluidas e, por vezes, líquidas.

O graduando, em sua imersão no campo da pesquisa, passa a vivenciar diferentes momentos que o habilitarão ao fazer do pesquisador. Para tanto, alguns momentos foram estabelecidos visando a construção de instrumentos de pesquisa, a apropriação por parte dos discentes do referencial teórico e conhecimento de métodos que podem orientar o pesquisar. Uma vez que trilhar esse caminho constitui no esforço para a formação como profissional dos graduandos, oportunizando desde o início da graduação, um contato mais direto com a escola, sua realidade e suas demandas.

O caminho a ser percorrido foi estruturado em dois eixos, os quais, se desdobraram no intuito de atingir os objetivos propostos na pesquisa. O primeiro eixo compreendeu momentos de apropriação teórica. A revisão de literatura, por meio da busca de bibliografias e pesquisas na área, foi fundamental para que os discentes pudessem compreender o fenômeno da revolução tecnológica, as mudanças e a velocidade com que essas vem ocorrendo, impulsionadas pelas tecnologias de



informação e comunicação. Foram conduzidas, periodicamente, sessões de leitura e aprofundamento teórico, assim, como a organização para a coleta de dados, como parte do segundo eixo.

Essa parte compreendia a realização de entrevistas gravadas – construção de roteiro temático, pois as práticas dos sujeitos na abordagem da Entrevista Compreensiva são reveladas nas falas, sendo, portanto, necessário ouvir estudantes e professores sobre a relação de uso e as interações feitas nesses usos, bem como as implicações nos processos didático-pedagógicos e de aprendizagem estudantil. A escuta atenta das falas dos sujeitos permite a análise compreensiva dos sentidos produzidos a partir dos usos e das práticas instituídas no cotidiano escolar.

É importante destacar que, o planejado nem sempre pode ser executado. O período de pandemia desestruturou inicialmente o planejamento, mas em sessões de estudo, pôde ser gestado outro planejamento, com base em outro caminho, tornando possível no período, considerando as condições postas e suas limitações para o exercício de algumas práticas, que exigissem prioritariamente contatos pessoais, o que não era permitido. Esse se tornou um desafio, que após reflexões e debates, se consignou pela realização virtual de um Grupo Focal. A opção por essa metodologia se deu porque o grupo focal permite que o pesquisador ouça vários sujeitos ao mesmo tempo, podendo observar as interações características do processo em grupo. Essa metodologia possibilita obter várias informações, sentimentos, experiências e representações de pequenos grupos sobre um dado tema, no caso específico, as tecnologias, a escola e os usos.

A opção pelo grupo focal orientou o caminho pelo qual os dados seriam coletados/construídos, mas, devido ao isolamento social não poderia ser feito de forma presencial. Foi então, que se consignou realizar o grupo focal de forma virtual via Google meet, num formato de Webinário<sup>1</sup>. Os desafios nos levam a produzir, a criar. A ideia de um webinário no formato de roda de conversa foi a estratégia que construiu os dados na pesquisa. Lançar questões e ouvir o grupo expressar-se sobre a mesma, foi um momento de riqueza pedagógica significativa. Permitiu, que, se não todos, uma parte dos bolsistas e voluntários se voltasse para observação e apreensão do que nem sempre é dito oralmente.

---

1 De acordo com Batista (2020, p. 4) Webinar é “[...] Originado da abreviação do inglês web-based seminar é uma ferramenta para compartilhamento de informações e conhecimentos de forma online, através de uma transmissão ao vivo.

Largamente usado no período pandêmico, o Webinar, se constituiu em instrumento apropriado para a realização do grupo focal que teve como objetivo estabelecer um diálogo sobre como, em tempos de pandemia, as escolas de Ensino Fundamental em Bacabal, vinham orientando suas práticas. Quais tinham sido os principais desafios e qual o lugar das tecnologias no momento de suspensão de aulas presenciais e adoção do modelo remoto de ensino. Intitulado, *Webinário: Tecnologias de Informação e Comunicação e escolas municipais de Bacabal: diálogos em construção*, o Webinar foi planejado e realizado sob a orientação da coordenadora do projeto com a participação efetiva dos discentes bolsistas e bolsistas voluntários (PIBIC). Realizado em duas sessões, dois dias seguidos, reuniu gestores, coordenadores pedagógicos e professores, numa roda de conversas com os membros do grupo de pesquisa.

Reestruturar esse momento da pesquisa, pensar sobre formas de empreender um novo caminho a um percurso já iniciado e interrompido abruptamente, ajudou o grupo no entendimento de que na pesquisa nada está pronto, se constrói no exercício do fazer. É como trabalho artesanal, que por vezes precisa ser recomeçado uma, duas ou mais vezes, pois se percebeu um fio solto no meio do processo.

Metodologicamente nos anos de 2020 a meados de 2022, passamos a fazer as reuniões no formato online, utilizando ferramentas do pacote Google, ou G-Suite for Education<sup>2</sup>. Na/pela plataforma Google Meet, quinzenalmente, o grupo se reunia para estudar/debater/planejar formas de desdobramentos dos planos de trabalho em curso. Outras plataformas e ferramentas digitais também se somaram, a exemplo do Google Classroom, o Google forms e o uso mais intenso de aplicativos de conversa – redes sociais na internet.

Oportunizados a (re) planejar o plano de estudos, os discentes/bolsistas puderem demonstrar um exercício de autonomia frente ao saber construído e em construção. Diante das dificuldades impostas pelo momento e, desafiados a mudanças, puderam exercer a habilidade de interpretar o momento de forma coletiva, compreendendo formas de resolver o problema. O planejamento e execução do

---

2 A G Suite for Education foi criada com o objetivo de alavancar a educação em sala de aula, melhorando o aprendizado e a comunicação entre os alunos e professores, proporcionando ao professor aumentar as habilidades de pensamento crítico, colaboração e criatividade dos alunos, tendo como base os objetivos definidos em seu planejamento de ensino. Todo o pacote de ferramentas é disponibilizado na nuvem, sendo a plataforma do G Suite criada para facilitar a interação entre professor e aluno. (Reges et. al., 2020, p. 4).

Webinário foi propício a mudança de olhar no fazer do iniciante na pesquisa, uma vez que, ultrapassaram alguns limites na urgência do momento.

Ouvir os sujeitos diretamente envolvidos nos processos de mudanças implicados no contexto já explicitado foi fundamental para a compreensão da realidade vivida pelas escolas municipais, assim, pudemos, no diálogo aberto explorar, e, exercitar a escuta atenta das experiências postas em prática pela equipe gestora, professores e demais agente educacionais. Podendo, a partir dessa ação nos debruçarmos sobre os dados e produzir resultados após sua análise.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

Os desafios impostos no cenário pandêmico, podem ser considerados também, como oportunidades de construção de novas/outras práticas, no exercício do fazer docente. Relatamos nesse ponto, reflexões oriundas do *Webinário: Tecnologias de Informação e Comunicação e escolas municipais de Bacabal: diálogos em construção*. A proposta desenvolvida em forma de roda conversa virtualmente, se constituiu em um canal para que os dados fossem construídos e, serão pontuadas reflexões fruto das análises realizadas.

A presencialidade, o face a face, faz parte da prática pedagógica de professores dos diferentes níveis de ensino historicamente. Sabemos que a Educação à Distância (EaD) possui um longo histórico no Brasil. É um modelo de educação já consolidado, passou pela transmissão via rádio, por materiais recebidos via correios e, atualmente tem uma estrutura em plataformas digitais, utilizando as linguagens informacionais em suas mais diversas possibilidades, objetivando atingir um público que, por diversos motivos, acessa essa modalidade, podendo exercer uma autonomia na condução dos seus estudos. No entanto, a aula ou o ensino remoto, se configura como outra forma de aula online. E, pela urgência de sua implementação, pegou, se não todos, praticamente uma imensa maioria de docentes, gestores e comunidade acadêmica, completamente desprevenidos, ou ainda despreparados, sem contar, que a situação vivida alterou outras dimensões da vida humana, como o afetivo, o emocional, o cultural e o social.

Desta forma ouvir/problematizar sobre as vivências escolares, no sentido de manutenção do ano letivo, vem ao encontro das indagações que motivaram o presente trabalho. Uma das questões centrais, orbitou em torno do planejamento. Como ou o que a escola buscou para cumprir o decreto de manutenção das aulas,

no formato remoto? Assim, ouvimos dos gestores sobre o planejamento frente as medidas de cumprimento do período letivo, como forma de manutenção do contato com os discentes. Havia um apelo por se evitar um aumento no número de evasão ocasionado pelo fechamento das escolas.

DECRETO N° 626 Prorroga até o dia 26 de abril de 2020, o período de suspensão das aulas presenciais nas unidades de ensino da rede municipal de educação e prorroga até 12 de abril de 2020, as medidas específicas destinadas à prevenção do contágio e ao combate à propagação da transmissão da COVID-19, infecção humana causada pelo Coronavírus (SARS-CoV-2), e altera o Decreto n° 617, de 17 de março de 2020, altera o Decreto n° 618, de 21 de março de 2020, e dá outras providências. (Bacabal, 20201, p.1).

Os decretos se multiplicaram, buscando formas de atenuar e, principalmente de viver, no período da pandemia. Não só em Bacabal, mas em todo país, o ensino remoto se tornou a forma de se manter as escolas funcionando, sendo que, as aulas/reuniões/encontros pedagógicos, foram tele transportadas para as casas de alunos, professores, gestores e demais funcionários das escolas.

Extraímos no processo de análise a categoria “aula na tela”, consignada como outra (s) forma (s) de ensinar. A aula passou a ser ministrada via Google Meet (o mais usado), e, exigiu que professores e alunos passassem a se familiarizar com as linguagens próprias dessa plataforma. Foram expostas, nas conversas, a existência de algumas formações para o uso das ferramentas tecnológicas que seriam utilizadas para a materialidade virtual das aulas e demais práticas necessárias para a condução do processo pedagógico e cumprimento do calendário letivo 2020-2021. Entendemos que a estratégia, por ser necessária, implicou em horas de estudo para apropriação, mesmo mínima, de recursos que seriam utilizados a partir de então. Se instaurou um exercício de aprender fazendo, não dava para paralisar o processo, enquanto se formava os docentes e gestores para o uso de tecnologias digitais. Foi um exercício de desenvolver a habilidade em lidar com as TDIC, sendo esse o maior desafio no período pandêmico, ligada à compreensão e aplicação do recurso digital. (Santos e Mercado, 2023).

Podemos, considerando as alterações feitas no modo de fazer na escola, refletir sobre as velozes transformações tecnológicas da atualidade e a imposição de novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender. Kenski (2010) chama a atenção para se estar em permanente estado de aprendizagem e de adaptação ao

novo, a pandemia revelou como essa é, de fato, uma questão fundamental. A aprendizagem permanente pode ser um dos caminhos que permita olhar o novo sem tanta estranheza, visto que algumas habilidades já possam ter sido trabalhadas. É importante destacar, que, em relação às tecnologias na educação, no discurso, já tem décadas, porém, não se consegue avançar muito no sentido das práticas em sala de aula. O que pode justificar certo alvoroço provocado pela imposição do ensino remoto na pandemia. Em alguns casos, uma ausência completa de domínio da linguagem tecnológica.

Não se pode deixar de trazer à tona a formação de professores no país e a frágil presença de componentes curriculares que trabalhem com as tecnologias em sala de aula. Os cursos não vêm habilitando para o uso de tecnologias, embora esse seja um debate de décadas.

No Brasil, as políticas implementadas a partir desse período põem em curso um conjunto de reformas no sentido de atender as prerrogativas demandadas pela nova ordem econômica global. Destacamos, dentre outras, o Programa Sociedade da Informação, a promulgação da lei Nº 9394/96, a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e das Diretrizes Curriculares para os diferentes níveis de ensino, tudo isto em virtude da centralidade do papel da educação. (Santos, 2012, p. 87).

Como visto, os anos 1990 foram palco de reformas estruturantes da educação nacional visando dentre outros, a inclusão digital ou informacional. A chamada revolução tecnológica fez emergir a sociedade da informação<sup>3</sup>, gestada no que alguns autores apontam como o advento de uma “nova era”, constituída no fluxo e velocidade da informação, implicando profundas mudanças na organização social e econômica em níveis globais (Santos, 2012). Mesmo o quadro de reformas do período citado, as políticas voltadas para a informatização das redes no ensino médio dos 2000, foram suficientes para dar pulso aos cursos de formação de professores na inserção de práticas com as tecnologias, de forma a habilitar os docentes para o uso em suas aulas. Fato esse, que acende o debate sobre a formação para usos de tecnologias digitais, ressaltadas todas as proporções em torno do debate sobre tecnologias e sala de aula, ou sobre o fazer docente e as tecnologias digitais, superando a visão ingênua, ou a panaceia que orbita em torno desse debate.

---

3 Sobre Brasil e a sociedade da informação: a emergência de uma nova sociedade? Ver Santos (2012).

As ferramentas tecnológicas, plataformas digitais, redes sociais na internet, assumiram a centralidade da vida, das interações, da garantia do encontro aluno e professor. A aula, sua dinâmica e processos foram alterados. Professores e alunos separados por uma tela, agora, buscavam o diálogo necessário para a materialidade do processo ensino e aprendizagem. “[...] muitos recursos digitais e aplicativos podem ser utilizados na educação, dentre eles o WhatsApp, que por apresentar características como a interação comunicativa, o envio de mensagens instantâneas e a possibilidade de compartilhar textos multimodais, pode constituir-se como eficiente ferramenta didática [...]”. (Junior et al, 2021, p. 33744).

O aplicativo WhatsApp é uma multiplataforma de mensagens instantâneas, pode ser baixado em smartphones Iphones, Android e outros servidores compatíveis. Uma das principais características do WhatsApp é a rapidez. O chat possibilita conversas, podendo o usuário, acessar instantaneamente ou deixar para abrir em outros momentos mais oportunos, o conteúdo das conversas. Possui uma linguagem acessível a praticamente todo público, podendo a comunicação ser escrita ou por meio de áudios, o que facilita a comunicação entre pessoas com dificuldade na leitura e na escrita. Esse aplicativo também possui capacidade para receber e fazer downloads de documentos. Considerando, pois a funcionalidade do WhatsApp, as escolas municipais assumiram o aplicativo como canal de comunicação com alunos e pais no período pandêmico.

Dentre as funcionalidades, o WhatsApp possibilita o envio de diferentes mídias, como: imagem, áudios e vídeos. Ainda, a possibilidade de criação de grupos com mais de 250 membros, transmitir diálogos, realizar chamadas, anexar documentos, mapas, posição do usuário, status, entre outras. O aplicativo tem como principal vantagem a sincronização com a lista de contato. Uma ação que facilita manter os contatos sem precisar de memorização por parte do usuário. Não iremos debater as implicações que a ausência de esforços do usuário por provocar no desenvolvimento humano ao longo dos anos. Mas, não se pode deixar de apreciar essa funcionalidade, considerando as demandas da realidade atual. (Martins e Gouveia, 2018).

As inúmeras possibilidades justificaram a escolha do WhatsApp como ferramenta pedagógica por gestores e educadores da rede de ensino municipal em Bacabal-MA. Foi reafirmado o potencial da multiplataforma que, de certo modo, aproximou os docentes da família dos alunos. O expediente de uso do WhatsApp possibilitou compartilhamento nos grupos formados por turmas. O envio e recebimento

de atividades. Sem, no entanto, deixar de registrar as dificuldades encontradas no período que vão desde o equipamento do aluno, com pouca capacidade de memória, ou internet de dados, que dificultava a ação de baixar os documentos enviados. A escola, para suprir essas carências, passou a disponibilizar material digitalizado, para que pais e alunos retirassem na própria escola. Toda a ação focando no esforço de manter as aulas funcionando. De não perder o contato com os alunos num período tão difícil com o vivido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

As trilhas percorridas até aqui mostraram que é possível, mesmo em período de excessão, como foi a pandemia, se construir rotas, encontrar caminhos a serem seguidos. As tecnologias foram fundamentais para a continuidade, para o estabelecimento de outras formas de ensino. Emergencial, pensado para um determinado tempo, assim foi o ensino remoto e todas as demais atividades realizadas a partir das telas de computadores, notebooks, celulares. Fomos instados a viver por meio das telas, para se comunicar, interagir, para estudar e, para ensinar.

O ensino remoto é uma experiencia ainda passível de análises, seus reflexos reverberarão por um tempo nos porcessos de aprendizagem no período pandêmico. Mas, importa dizer sobre formas gestadas, construídas para que a aula pudesse seguir sendo operacionalizada. Entendemos, conforme os resultados trabalhados, sobre a capacidade de se planejar em tempos de crise, de encontrar no diálogo, na busca, caminhos possíveis de serem percorridos.

Há muito ainda a ser explorado, debatido. O legado da pandemia para as escolas e suas prática ainda precisa ser investigado. As tecnologias essenciais para o ensino em tempos de pandemia, tem sido aliada das práticas pedagógicas no período atual? O uso intensivo de ferramentas tecnológicas, dispositivos, aplicativos, plataforma virtuais, foi somente no período abordado ou essas vem sendo utilizadas efetivamente nas escolas, nas atividades docentes? O debate se encontra em aberto, existem resistencias históricas nessa relação, assim como dificuldades de se aderir ao uso das tencologias em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

---

ASSIS, Renata Machado de. BONIFÁCIO, Naiêssa Araújo. A formação docente na universidade: ensino, pesquisa e extensão. Educação e Fronteiras On-Line, Dourados/MS, v.1, n.3, p.36-50, set./dez. 2011. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Dourados: UFMS, 2011. Disponível em: <https://www2.fag.edu.br/professores/solange/INTEGRA%C3%87%C3%83O,%20ENSINO%20PESQUISA%20E%20EXTENS%C3%83O/BIBLIOGRAFIA/ASSIS,%20Renata%20Machado%20de.%20BONIF%C3%81CIO,%20Nai%C3%A7%C3%A3o%20Ara%C3%BAjo.%20A%20forma%C3%A7%C3%A3o%20docente%20na%20universidade%20....pdf>. Acesso 16 nov. 2023.

BATISTA, L. Guia para produção de Webinar. Disponível em: [http://repositorio.fnde.gov.br/jspui/bitstream/prefix/180/1/guia\\_producao\\_webinar\\_2020.pdf](http://repositorio.fnde.gov.br/jspui/bitstream/prefix/180/1/guia_producao_webinar_2020.pdf). Acesso em 16 nov. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BACABAL – MA. DECRETO N°626 DE 04 DE ABRIL DE 2020. Disponível em: <https://www.bacabal.ma.gov.br/uploads/PDF/2020/05/decreto-n-626-prorr.pdf>. Acesso em 09 dez. 2023.

DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa [livro eletrônico]. 10ª Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2021. (Coleção Educação Contemporânea). EPUB. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=oT1IEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT12&dq=educar+pela+pesquisa+&ots=RAB8v4rxYV&sig=5PaGpIQkBMDsV-Qxd8k9W5yWn1c#v=onepage&q=educar%20pela%20pesquisa&f=false>. Acesso em 16 nov. 2023.

GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. Uma cartografia simbólica sobre a violência escolar nas escolas da rede municipal de educação em são luís (MA). Projeto de Pesquisa/UFMA, 2007. (Digitalizada. Versão impressa).

Junior, J. B. B., Baima, G. M., Costa, L. M. L., & Coimbra, V. L. (2021). O Uso Do Whatsapp Como Ferramenta Didática: possibilidades e desafios em aulas de Língua Portuguesa / The Use Of Whatsapp As A Teaching Tool: possibilities and challenges



in Portuguese language classes. *Brazilian Journal of Development*, 7(4), 33740–33751. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n4-026>. Acesso em 09 dez. 2023.

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas: 8ª Ed. Papyrus, (2010).

ROSA MARTINS, E.; MANUEL BORGES GOUVEIA, L. O Uso do WhatsApp como Ferramenta de Apoio a Aprendizagem no Ensino Médio. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 51–60, 2018. DOI: 10.22456/1679-1916.89233. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/89233>. Acesso em: 9 dez. 2023.

MOREIRA, José Antônio & SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife.

REGES, Luiz Carlos Moura, PEREIRA, Thiago de Oliveira, LIMA, Wladimir de, MORAIS, Ceres Germanna Braga. (Orgs.). *Ferramentas Google de apoio educacional*. / – Mossoró – RN: EDUERN, 2020. Disponível em: [https://www.uern.br/controldepaginas/ensino-remoto-materiais/arquivos/6045ferramentas\\_google\\_de\\_apoio\\_educacional.pdf](https://www.uern.br/controldepaginas/ensino-remoto-materiais/arquivos/6045ferramentas_google_de_apoio_educacional.pdf). Acesso em 19 nov. 2023.

SANTOS, Weider, MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. Ensino on-line emergencial num contexto de crise provocada pela covid-19: vivências de professores da educação básica em Alagoas. *Rev. bras. Estud. pedagog.*, Brasília, v. 104, e5514, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/dbhPj9cG9VhvXHcmtFwB7PC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 nov. 2023.